

## **SAMORA MACHEL, PRESIDENTE ENGAJADO PELA EDUCAÇÃO EM MOÇAMBIQUE - UM RECORTE SOBRE SUA LIDERANÇA ENTRE 1970 E 1975**

Celso Daniel Mandlate<sup>1</sup>

Josefa Eliana Souza<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Em Moçambique, a luta pela libertação nacional do regime colonial português constituiu um elemento chave para a conquista da pátria e da unidade dos moçambicanos. A independência do país, dificilmente seria alcançada se não houvesse um componente que unisse as massas: - a educação. Portanto, o artigo faz uma reflexão sobre as contribuições de Samora Moisés Machel em prol do Sistema Educativo em Moçambique. Machel liderou a luta pela independência e foi o primeiro presidente de Moçambique entre 1970 a 1986. O artigo cinge-se na revisão bibliográfica e biográfica, consistindo no levantamento do estado da arte sobre Machel e os primórdios do Sistema Educativo em Moçambique entre 1970 e 1975. O debate se desenvolve a partir das fontes históricas escritas e orais, sobretudo livros, arquivos documentais com cunho político ideológico, artigos, jornais e conversas com antigos combatentes da luta pela independência. Machel liderou um projeto educativo em meio de dificuldades e conjunturas desestruturadas caracterizadas pela exiguidade de recursos humanos, materiais e financeiros. Contudo, Machel adotou um projecto educativo que continha instruções políticas e ideológicas sem discriminação social, cultural e regional. Promoveu um ensino civilizador, conscientizador e formador do Homem Novo livre da mentalidade colonial e machista, mas assumiu valores socialistas.

**Palavras-chave:** Educação. Moçambique. Samora Machel. Unidade Nacional.

## **SAMORA MACHEL, PRESIDENT ENGAGED BY EDUCATION IN MOZAMBIQUE - A HIGHLIGHT ON HIS LEADERSHIP BETWEEN 1970 AND 1975**

### **ABSTRACT**

One of the objectives of the struggle for national liberation against the Portuguese colonial regime in Mozambique was to conquer land and unity among Mozambicans. The conquest would not be possible without the natives having an element that allowed the masses to unite, education. Therefore, this article intends to reflect on the contribution that Samora Moisés Machel had in Education in Mozambique. He is the first president of Mozambique from 1970 to 1986. In producing the work, we limited ourselves to bibliographic and biographical research, which consisted of selecting and prioritizing a set of data that represents the state of the art on Samora Machel and Education in Mozambique in the 1970s and 1975, respectively. This type of research is carried out from books, journal articles, newspaper articles, internet sites, and other sources. Thus, the text describes and reflects on the educational project in Machel's

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe. Bolsista do programa PEC-PG pela CAPES. celsodanielmandlate@gmail.com/ +55(79)9 9691-9792

<sup>2</sup> Profª Drª Eliana Souza - Doutora em Educação (PUC/SP)/ Pós-Graduação em Educação - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior – GREPHES - <http://lattes.cnpq.br/069858590204845>.

ideological perspective to guarantee unity, development, and national independence in Mozambique. It can be said that, at present, Mozambique has only consolidated national unity. There is a challenge to achieve quality education for all based on social reality, development, and economic independence. However, Machel adopted a education that contained political and ideological instructions without social, cultural and regional discrimination. It promoted a civilizing and conscientious teaching add formation of the New Man free from the colonial and sexist a mentality, but assuming socialist values.

**Keywords:** Education. Mozambique. Samora Machel. National Unity.

## INTRODUÇÃO

Moçambique é um país do continente africano que tem uma área de 801.590 km<sup>2</sup> e cerca de trinta milhões de habitantes. A língua oficial é portuguesa e tem mais de vinte línguas nativas. Moçambique situa-se na costa oriental da África Austral e tem fronteiras, ao norte com a Tanzânia; a noroeste com o Malawi e a Zâmbia; a oeste com o Zimbábue, a África do Sul e a Suazilândia; ao sul com a África do Sul, e a leste, com o Oceano Índico. A capital de Moçambique é Maputo. Em Moçambique, no fim do século XV houve uma invasão mercantil portuguesa a procura de ouro, escravos e marfim. A opressão secular e colonial portuguesa tinha tendências autoritárias, anticomunistas e violentamente repreensivas, defendendo a exclusiva auto-suficiência do Estado português. Foi no contexto de opressão pelo regime colonial português que um grupo de idealistas moçambicanos uniu-se formando a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), para lutar pela independência. A FRELIMO foi fundada em 1962, através da fusão de três movimentos de protesto à independência, nomeadamente: União Nacional Democrática de Moçambique, (UDENAMO); Moçambique África Nacional Union (MANU) e União Nacional de Moçambique Independente (UNAMI) (MOÇAMBIQUE, 2019).

A FRELIMO perdeu um dos seus fundadores e primeiro presidente da organização, Eduardo Mondlane, por assassinato aos 3 de fevereiro de 1969. A ele sucedeu Samora Moisés Machel dando a continuidade da liderança revolucionária, que culminou com a proclamação da independência do país aos 25 de junho de 1975.

Machel morreu num acidente de aviação em M'buzini, no território da África do Sul aos 19 de outubro de 1986. Em substituição, o comitê da FRELIMO indicou Joaquim Alberto Chissano, que 19 anos depois, no ano 2005, foi substituído pelo presidente Armando Emílio Guebuza que liderou a FRELIMO e o país moçambicano durante 10 anos, e em 2015, foi sucedido pelo atual presidente Filipe Jacinto Nyusi (MOÇAMBIQUE, 2020).

Samora Moisés Machel nasceu em Chilembene, na província<sup>3</sup> de Gaza, aos 29 de setembro de 1933, filho de agricultores. Machel foi educado em escolas indígenas<sup>4</sup> geridas pela Igreja Católica. Machel concluiu a 4ª classe com 18 anos. Tinha o desejo de continuar a estudar, mas os padres só lhe permitiram estudar teologia. Frustrado, decidiu emigrar para Lourenço Marques,<sup>5</sup> onde foi trabalhar no hospital Miguel Bombarda, atual hospital de Maputo. Com esse propósito, terminou o curso de enfermagem em 1956, tendo sido colocado na ilha de Inhaca na província de Maputo para desenvolver a sua função. “Em 1961, Machel encontrou-se pela primeira vez com Eduardo Mondlane, de visita a Moçambique. Depois de ter interagido durante alguns dias, juntou-se à FRELIMO no ano 1963” (VELOSO, 2007, p. 32).

Samora Machel foi um líder revolucionário e presidente de Moçambique, durante 11 anos. Os seus ideais fundamentavam-se na libertação da terra e do povo moçambicano. Machel dirigiu a luta armada, que iniciou aos 25 de setembro de 1964, e durou dez anos até a assinatura dos Acordos de Lusaka, na Zâmbia. Machel contribuiu, segundo Domingos (2015) no desenvolvimento social, econômico e político de Moçambique durante a luta contra o regime colonial e no período pós-colonial. Teve a iniciativa de criar alguns movimentos, organizações e associações com a finalidade de resolver os problemas que assolavam Moçambique e a África, sobretudo a região da África Austral. Como exemplos dessas organizações destacam-se a Organização

---

<sup>3</sup> Uma província em Moçambique é equivalente a um estado no Brasil.

<sup>4</sup> Escola indígena era destinada ao ensino dos africanos em colônias portuguesas (QUIMUENHE, 2018).

<sup>5</sup> Lourenço Marques é atual cidade de Maputo, capital de Moçambique (MOÇAMBIQUE, 2020).

da Unidade Africana (OUA) e a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC). Machel não conseguiu, no entanto, ver realizados os seus propósitos, uma vez que, “quando regressava de uma reunião internacional em Lusaka em busca da paz para os moçambicanos, a aeronave *boing Tupolev tu 132* em que se fazia transportar, cedido pela então União Soviética, tombou em *Mbuzini*, nos montes Libombos em território sul-africano” (DOMINGOS, 2017, p.5).

## CONTEXTUALIZAÇÃO

A proposta do debate sobre a importância política e ideológica da liderança de Machel surge na sequência da pesquisa em andamento sobre a formação e atuação de professores no ensino secundário do Sistema Nacional de Educação (SNE) em Moçambique. Alguns estudos sobre a educação em Moçambique apontam as influências políticas e ideológicas procedentes das experiências e princípios defendidos por Machel, durante a revolução entre 1970 a 1975. Nesse período em alusão, a FRELIMO sob liderança de Machel planejou uma educação condicionada pelos fatores e interesses de natureza revolucionária, a saber: a produção agrícola, fundamentos elementares da língua portuguesa e cálculos (MARTINS; CHIRINDZA; CUAMBA, 2019). Portanto, a política e a ideologia revolucionária contidas no modelo educacional que caracterizaram a governação de Machel foram fundamentais para despertar e libertar aos moçambicanos da condição opressiva e colonial.

O presente artigo tem uma relação com estudos sobre a formação, currículo, e práticas pedagógicas na contemporaneidade, em diferentes situações políticas e socioculturais. No contexto Moçambicano, essas investigações podem ser melhor compreendidas e perspectivadas a partir de análise sócio-histórica e educacional da sociedade moçambicana, que tanto a sua história quanto a educação estão cada vez mais a entrar num absoluto esquecimento. O objeto de pesquisa deste artigo enquadra-se nos estudos da política, da gestão, do planejamento e da avaliação da educação formal e não formal, como será evidenciado adiante, através de políticas

promovidas por Samora Machel durante a sua liderança na luta pela libertação nacional do colonialismo português em Moçambique. Dentre os diversos conteúdos abordados neste texto, destacam-se o percurso historiográfico no âmbito dos estudos sobre os intelectuais de educação, os saberes e as propostas das práticas educativas, sobretudo a sua inserção e alcance das propostas de Machel no contexto da educação moçambicana.

Ciente na contribuição para a categoria dos pesquisadores em Educação, esta produção científica sugere a necessidade de pesquisar e escrever sobre as contribuições de Samora Machel em defesa da educação moçambicana. Cabe dizer que consideramos Machel, um intelectual. Esta afirmação decorre da compreensão do intelectual aquele que está comprometido com a verdade de uma gente na busca da justiça social e da razão. Um intelectual defende, a proteção de referências culturais, científicas e éticas descortinadas por gerações anteriores de modo a serem preservadas do esquecimento. O intelectual tem a função organizadora da cultura, da sociedade, formação da opinião pública mediante o diálogo e é impulsionador da transformação da vida social. O papel de um intelectual é universalizar de forma explícita os conflitos e as crises de maior alcance humano ao sofrimento do povo ou nação e associar essa experiência à aflição dos outros (BOTO, 2017a). Percebe-se uma conceitualidade do termo intelectual sustentado em três dimensões: a universalidade, o pensar no Homem como social e a sua civilização mediante uma justiça social. É nessa tripla dimensão que compreendemos o intelectual deste estudo.

A obra de Machel é caracterizada e compreendida a partir da sua biografia e da sua proposta em ver os saberes disseminados e promovidos por meio das práticas culturais, artísticas, artesanais, da fraternidade e da solidariedade entre os moçambicanos. Ao ampliar os estudos para compreender os variados aportes teóricos históricos do processo de formação do Homem, da inserção, atuação e das contribuições dos intelectuais da educação, surge-nos o repensar sobre a produção intelectual como desafiadora, através da descrição e contextualização das contribuições do líder revolucionário na educação em Moçambique. Por isso, com esta

produção científica, espera-se que sirva de fonte sobre a história de educação em Moçambique. A partir da produção esperamos também contribuir para a internacionalização das realizações do governo de Machel, sobretudo na educação, com vista a ser conhecida pelos moçambicanos e por outros povos. No texto, faz-se a descrição e uma reflexão sobre as ideologias, princípios e as influências de Machel na educação da sociedade moçambicana durante e depois da luta pela libertação nacional no período de cinco anos, entre 1970 e 1975.

## **EDUCAÇÃO EM MOÇAMBIQUE ANTES E DURANTE O PERÍODO E COLONIAL**

Como acontece em quase todas as sociedades do mundo, mesmo em civilizações de referência histórica da Humanidade, o conhecimento superficial que os povos têm da natureza, é indispensável para a sobrevivência. Este conhecimento sobrenatural tem sido transmitido de geração em geração. Em Moçambique não foi diferente. Antes da chegada do colonialismo português, em 1495 e da dominação do país moçambicano em 1885, isto é, depois da conferência de Berlim, a sociedade tradicional concebia uma série de forças de origem sobrenatural e hostis ao Homem. Era uma educação com caráter dogmático, paralisando o avanço da sociedade moçambicana (MACHEL, 1978). Mesmo assim, a sociedade moçambicana procurava assegurar a sua sobrevivência e preservação da linhagem através da transmissão de conhecimentos e experiências às novas gerações.

Antes da educação colonial, a sociedade moçambicana já detinha uma educação tradicional que se baseava na transmissão de conhecimentos e técnicas acumuladas na prática produtiva, onde inculcava o seu código de valores políticos, morais, culturais, sociais e religiosos. Através dos ritos de iniciação, pelo dogma, pela superstição e pela magia o indivíduo era preparado para aceitar a exploração como lei natural e assim reproduzi-la no seu grupo etário, na família, na sua tribo, etnia, gênero e raça. (QUIMUENHE, 2018, p. 5).

Em Moçambique, a educação tradicional baseada na superstição, magia, exploração dos mais fracos, inculcação de valores morais, políticos, etc. era fundamental e indispensável para a manutenção social. Era uma educação retrograda

e fundamentada em sistemas de classes, de idades, de ritos de iniciação com o objetivo de integrar a juventude nas ideias velhas e obsoletas. Devido ao isolamento de comunidades, dos certos grupos sociais e étnicos conseguia-se manter a dominação retrógrada sobre a sociedade, a partir de uma tradição rígida e dogmática. O exemplo disso, a mulher era considerada o ser humano da segunda categoria e submetida à prática humilhante de poligamia, adquirida através de um dom feito por sua família e herdada por parentes. Em caso da morte do marido, a mulher era educada para ser passiva e servir outro homem. Neste período em alusão, isto é, antes da dominação colonial portuguesa em Moçambique, durante a transmissão e aquisição de conhecimentos nada era questionado, desse modo, o modelo de educação era encarado como lei natural. Tudo o que era novo, diferente e estrangeiro era combatido em nome da tradição, destruindo a possível iniciativa inovadora e tudo o que era oposto à cultura vigente, mantendo a sociedade a sobreviver em imobilismo (MACHEL, 1978; QUIMUENHE, 2018).

Em Moçambique, durante a colonização portuguesa, a maior parte dos moçambicanos não se beneficiava do ensino colonial português. A colônia portuguesa criou as primeiras escolas em Moçambique, entre 1854 a 1912, e promoveu uma educação para acomodar os seus interesses e dos seus aliados localmente. Em 1930, o ensino foi estruturado em dois subsistemas, a saber: o subsistema oficial destinado aos filhos dos colonos e aos assimilados.<sup>6</sup> Os assimilados eram atribuídos identidade do cidadão português, à semelhança dos colonos portugueses (MINDOSO, 2017). O ensino oficial promovia os conhecimentos fundamentais e científicos de todo o saber, e estava confiado ao Estado colonial português e às instituições privadas. O subsistema rudimentar destinava aos nativos, os moçambicanos. A organização e o controle do ensino eram incumbidos à Igreja Católica. O ensino rudimentar tinha a finalidade de elevar gradualmente o nível de escolaridade da população autóctone, da

---

<sup>6</sup> No período colonial entre 1930 a 1974, o assimilado era designado ao nativo moçambicano que tivesse superado a condição de indígena, de não civilizado (MINDOSO, 2017).

vida selvagem, isto é, de toda manifestação cultural e social dos moçambicanos, para a vida civilizada do povo culto, o português. As missões católicas tinham as tarefas de promover a assimilação e aculturação dos moçambicanos, através da educação moral, cristã e católica. Era um ensino com programas africanizados, caracterizados pela opressão, domesticação e discriminação dos nativos, considerando-os indígenas e selvagens (QUIMUENHE, 2018; MARTINS; CHIRINDZA; CUAMBA, 2019).

A educação no período colonial em Moçambique era caracterizada pela discriminação social e acentuada pela segregação racial. Quando o ensino beneficiasse aos nativos, ocorria por alguns interesses estratégicos e capitalistas. A maioria dos nativos que teve acesso a educação devia terminar apenas no ensino básico - a quarta classe. Mesmo assim, dificilmente os moçambicanos progrediam do nível de ensino, o fator idade era um dos critérios usados para a limitação do acesso aos níveis subsequentes. Os alunos que permanecessem no sistema de ensino eram submetidos a um conjunto de exames com fins excludentes. O ensino rudimentar incutia na mentalidade do oprimido a passividade e a aceitação à exploração. Era um ensino não libertador, garantia que o assimilado fosse um elemento que pudesse servir ao opressor para amordaçar os seus compatriotas. Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor e nunca uma revolução, por isso os assimilados ficavam ao serviço do colono (FREIRE, 1987).

Para o regime colonial, a espécie humana eram apenas os portugueses, os africanos eram coisificados. Para o colono, só havia um direito, o seu direito de viver em paz, e o de sobrevivência para os oprimidos, o colono sequer reconhecia que estivesse a oprimi-los. Em pleno regime colonial português, o tipo de educação que fora praticado pretendia libertar do estágio em que se encontrava o povo moçambicano, para inseri-lo na classe dos assimilados (FREIRE, 1989; QUIMUENHE, 2018). Os poucos moçambicanos que tinham acesso ao ensino rudimentar eram personalizados a assumir e viverem de hábitos, costumes e cultura portuguesa. O assimilado era corrompido tornando-se um pequeno burguês, ensinado a ser instrumento dócil do colonialismo português.

Em 1964, dois anos depois da criação da FRELIMO iniciava a guerra de Libertação Nacional em Moçambique. A guerra revolucionária e a educação das massas decorriam em simultâneo, focalizadas na libertação da mente dos moçambicanos e da terra do controle do colonialismo português. Houve uma necessidade da discussão mais efetiva sobre a diversidade, complexidade, lógica e do ponto de vista ou teoria para a escolha do modelo educacional a aplicar no período da luta contra o regime colonial. Para tal, instou-se a inclusão de grupos sociais antes marginalizados, tencionou-se um ambiente escolar as velhas práticas e rituais, que requeriam novas formas de pensar sobre a educação (KRONBAUER; SIMIONATO 2011). Portanto, devia ser uma educação que permitisse transmitir, refletir, despertar e unir os moçambicanos, que mostravam cada vez mais isolados em suas estruturas sociais, fundada em no conhecimento tradicional, nas crenças, mitos e do desenvolvimento econômico dominado pela agricultura de autoconsumo.

Compreende-se que a natureza do ensino empreendida pela FRELIMO, no período entre 1970 a 1975, era revolucionária caracterizada pelas rupturas com o sistema de educação das sociedades tradicional-feudal e colonial. A partir do princípio da educação do Homem Novo, adotado por Machel, foi necessário levar em prática muitas atividades que permitissem atingir os objetivos da revolução. Algumas das atividades visavam combater o regime colonial, reduzir o índice de pobreza e do subdesenvolvimento, o atraso e a miséria que ainda persistem até hoje em Moçambique, embora independente. Contudo, a FRELIMO desenvolveu o seu projeto com alguns sucessos. Trata-se da luta associada à educação do Homem e a preocupação pela revolução. Samora Machel defendia que todos os projetos eram realizáveis, a partir do envolvimento das massas populares na criação do socialismo em Moçambique. Esse ideário iria permitir o aumento da produção e da produtividade, vencer o subdesenvolvimento, criar as bases materiais, científicas, técnicas e ideológicas. Nesse âmbito, para usar eficazmente o material moderno de guerra que os guerrilheiros da FRELIMO possuíam, para aperfeiçoar a técnica de produção e para

e elevar o nível político dos camaradas, seria indispensável que a educação desempenhasse um papel decisivo (MACHEL, 1978).

Em encontros populares, Machel demonstrava a nocividade quer da educação tradicional, quer da educação colonial, explicando os objetivos que se propunham a atingir com a educação em função da nova sociedade. Dessa forma, mediante a relação existente entre educação e sociedade, propôs três modalidades de educação, sendo que dois refletiam a sociedade em vias de desenvolvimento e o terceiro estava orientado para o futuro do país. Ao se descrever a relação entre a formação do Homem Novo e a prosperidade de uma nova nação independente, mostra-se que é pela educação da sociedade que se deve assegurar a sua sobrevivência, através das novas gerações transmitindo conhecimentos e experiências. A partir dessa linha de pensamento, Machel em seu projeto educativo tinha intencionalidade de levar a educação como um vetor que pudesse transmitir, refletir e manifestar-se acerca dela mesma, das suas estruturas econômicas, dos hábitos sociais, dos conceitos éticos, em suma, da cultura da sociedade moçambicana (MACHEL, 1978). O projeto revolucionário deu o fim da ordem antiga da educação tradicional, do obscurantismo e do dogmatismo. A revolução tencionava criar uma nova sociedade, forte, sã e próspera, cujos homens fossem livres de toda a exploração permitindo que colaborassem em um processo comum.

Durante a luta armada de libertação nacional, as primeiras regiões do país que foram conquistadas do controle colonial português eram designadas Zonas Libertadas. A FRELIMO, o movimento revolucionário, estabelecia escolas nas Zonas Libertadas, embora funcionassem em meio de muitas dificuldades, tais como: a carência de recursos humanos qualificados, recursos materiais, programas devidamente estruturados e infraestruturas fixas para o ensino. Numa primeira fase, nas escolas criadas pela FRELIMO, o ensino adotado recomendava quem tivesse conhecimentos a mais devia passar o que sabia a quem não detinha. Tanto os professores, quanto os alunos não tinham nenhum meio didático adequado. A casca de troncos de árvores servia de lousa, o giz era a mandioca seca e os mapas eram desenhados em terra

plana, pela iniciativa criadora (QUIMUENHE, 2018). A iniciativa da política e da ideologia educativa implementada pela FRELIMO durante a revolução, criou uma atitude de solidariedade entre os Homens. A solidariedade incentivou o trabalho coletivo, o altruísmo e a superação do individualismo.

Machel durante a sua liderança desenvolveu e incutiu aos moçambicanos uma atitude, conduta e moral, que sejam promotoras e criadoras de gerações com um sentido e espírito de responsabilidade coletivo. A revolução visava também extinguir dos assimilados e dos portugueses procedentes dos gostos corruptos herdados do burguês. A partir da erradicação de superstição e de analfabetismo, aliada à promoção da união dos moçambicanos através das tradições, cultura e línguas nativas, a FRELIMO estava convencida do fim de tribos, da colonização e conseqüente nascimento de uma nação moçambicana economicamente forte e próspera (MACHEL, 1978).

Na ótica de Machel, a educação não era o ensino da gramática, da leitura e da escrita apenas, ou preparar um grupo de elite e de doutores, sem relação direta com objetivos da nação moçambicana. Para Machel, a ciência não devia servir de fonte ou meio para o enriquecimento ilícito da minoria ou para oprimir o Homem, mas devia ser a base para a iniciativa criadora das massas populares, a fonte inesgotável do progresso coletivo. A educação devia desempenhar uma função revolucionária, que deveria ser combinada com as tarefas dos funcionários de produção e de combate.

Aquele que estudou deve ser o fósforo que vem acender a chama, que é o povo. A tarefa principal da educação, no ensino, nos livros de textos e programas é inculcar em cada um de nós a ideologia avançada, científica, objetiva e coletiva, o que nos permite progredir no processo revolucionário. A educação deve nos preparar para assumir a nova sociedade e as suas exigências. Deve dar a personalidade moçambicana, que sem sobrevivência alguma, assumindo a nossa realidade. A educação deve nos permitir o contato com o mundo exterior, assimilar criticamente as ideias e experiências dos outros povos, transmitindo a eles também o fruto da nossa reflexão e prática. (MACHEL, 1978, p.12).

Para Machel, era necessário que os moçambicanos se tornassem consciente da sua responsabilidade, solidariedade, espírito socialista, livres de individualismo e

corrupção. Nessa perspectiva, os moçambicanos deviam adquirir uma atitude científica, aberta, livre de todos os pesos da superstição e de tradições dogmáticas.<sup>7</sup> A nosso ver, Machel não pretendia que o conservadorismo superasse qualquer possibilidade de inovação (PINHEIRO, 2009). Machel, durante a sua liderança, a educação devia criar no social uma nova atitude sobre mulher, emancipando-a na sua consciência e comportamento. Inculcava no Homem um novo comportamento e mentalidade em relação à mulher. Em plena revolução da FRELIMO, as mulheres passaram a desempenhar ao papel de cuidadoras e fornecedoras de serviços sociais. Pelos avanços conseguidos com a luta pela emancipação da mulher, algumas delas consideravam a participação na luta armada como um momento excepcional da sua vida (CASEMIRO, 2001), porém alguns guerrilheiros nunca viram a inserção da mulher com bom agrado.

Havia homens que não encaravam com bons olhos que as mulheres fossem guerrilheiras, chegando mesmo a impedi-las de participar. Alegavam que as mulheres eram as principais responsáveis por atos de corrupção e pela gravidez, uma vez que as suas atividades como guerrilheiras as impediam de casar, castigando-as mais que aos homens. Para provar a sua incapacidade utilizavam as mulheres como amantes e obrigavam-nas a realizar trabalhos pesados, quando não se deixassem aliciar. Os mais velhos receavam pelo envio das suas filhas para os campos de treino, donde vinham muitas das vezes grávidas. Sentiam que a participação da mulher nas atividades militares era uma fuga às suas ocupações, como produtoras, esposas e mães, reagindo ao fato de verem ameaçada a sua atitude tutelar sobre as mulheres. (CASEMIRO, 2001, p. 5)

O paradigma adotado para a emancipação da mulher conduziu um combate cerrado contra todas as práticas consideradas obscurantistas e machistas que reproduziam a inferioridade e a vulgarização da mulher. Nessa perspectiva, pretendia-se uma educação moral, cívica, ética e psicológica do homem. O projeto educativo liderado por Machel tinha que tornar os moçambicanos conscientes e assumirem todas as necessidades de servir o povo, de participação na produção, respeitar o trabalho

---

<sup>7</sup>Empregamos o termo dogmático por extensão, em referência ao conhecimento, pensamento ou atitude que se norteia por uma adesão irrestrita a princípios tidos como incontestáveis (PINHEIRO, 2009).

manual, libertar a capacidade de iniciativa e de desenvolver o sentido de responsabilidade. Era preciso torná-los conscientes na revolução e na libertação do povo.

Mais tarde, entre 1973 a 1974, em Moçambique já decorriam as negociações pela independência entre os dirigentes da FRELIMO e o governo colonial português. Nem por isso houve recuo da revolução, pelo contrário, nas regiões sob domínio e controle da FRELIMO, foram criadas as mínimas condições de ensino, cuja missão de professores e dos quadros de educação era extraordinariamente delicada. Machel dizia que o fato dos professores terem crescido e formado nas circunstâncias e modelos educacionais tradicionais e descriminalizantes, podiam ser portadores de muitos vícios e defeitos relativos à deontologia profissional. Machel e outros guerrilheiros da vanguarda consideravam a estes ambientes como incitantes de individualismo, ambição, muitos gostos corruptos e superstição, por isso eram nefastos e podiam contaminar às novas gerações.

[...] os professores e os quadros da educação devem comportar-se como um médico, que antes de se aproximar ao doente para operações, se desinfeta, se esteriliza, afim de não infectar o paciente. Através das reuniões constantes, através de críticas e autocríticas permanentes, os professores e os quadros da educação devem eliminar as ideias e os gostos desnecessários, para poderem adquirir e transmitir nova mentalidade a geração futura. (MACHEL, 1978, p.13).

A partir desta citação, entende-se que Samora Machel além de estar consciente dos riscos que corria na implementação do projeto político revolucionário, era necessário confiar nos professores disponíveis, pois, só eles podiam dar o encaminhamento das atividades, com vista o alcance dos objetivos desejados. Entretanto, Machel deixava clara a manifestação de desagrado e a responsabilização com maior severidade contra tudo aquilo que no ambiente entre os professores e quadros da educação mostrassem subjetivismo, individualismo, tribalismo, regionalismo, arrogância, superstição, corrupção e ignorância. Esperava que todos estivessem em unidade com as massas populares, fazendo combate interno dos

comportamentos considerados antigos e coloniais, como também os professores deviam assumir e promover o que era totalmente novo e revolucionário.

## **PRIORIDADES E EXIGÊNCIAS DA EDUCAÇÃO NO PROJETO POLÍTICO DE MACHEL**

Na visão política e educativa de Machel, a tarefa da moldagem do Homem Novo e o seu revestimento por uma mentalidade nova foram missões em longo prazo, portanto, houve outras exigências urgentes que educação devia responder. A partir da educação, Machel ansiava criar uma sociedade nova, consequente da destruição da sociedade antiga e dos vestígios do colonialismo. Para Machel, a educação era uma fonte da criação de bases econômicas que permitissem desenvolver uma nova consciência social e avançar com o combate dos vestígios da colonização.

A outra prioridade no projeto político de Machel era a unidade do povo, e para o efeito, foi necessário alfabetizá-lo, isto é, a educação devia ser fundamental na unidade entre os moçambicanos. Portanto, um Homem educado podia desvendar todas as formas de divisionismo inculcadas na sociedade pelo regime colonial e pela instrução tradicional, como desprezo e ódio em relação às outras comunidades. Assim, o ensino ressaltaria a similitude existente na população moçambicana. Nesta prioridade devia-se explicar como o colonialismo explorava a sociedade moçambicana em cada região. A educação devia incutir nos moçambicanos sobre a política colonial portuguesa, dando exemplos vividos nas demais regiões, tais como: fazer perceber o porquê de tantas revoltas em várias plantações, operários e os demais trabalhadores em qualquer região ou campo de trabalho. Os impostos cobrados pelo regime colonial, nunca serviriam a eles como moçambicanos. Ainda, a educação faria os alunos conhecerem e reconhecerem as magnificências das tradições heroicas das revoltas e das batalhas contra a resistência da ocupação colonial. A educação em curto prazo permitiria unir cada vez mais os moçambicanos, através do reconhecimento das riquezas culturais, contribuições artísticas e esculturais que não sejam de única região,

mas sim de todo Moçambique. O reconhecimento era feito através da promoção de exposições, de clubes e de eventos culturais, feitos a partir de convites a artistas de cantos e danças tradicionais, escultores, ferreiros, artesãos, etc. Os artistas faziam palestras nas escolas instruindo os alunos a praticarem tais atividades. Samora Machel dizia, *ninguém ama o que desconhece*, resultante da ignorância, tanto como do desconhecimento de outras culturas, por isso, instruía os vanguardistas nas regiões libertadas do poder colonial, a convencer as massas populares a eliminarem o regionalismo, tribalismo e atitude de desprezo para com as outras comunidades. A educação devia promover a arte, de modo a combinar a forma antiga que seja aceitável e o conteúdo novo que pudesse originar uma nova arte, permitindo que a criação de uns, torne-se a de todos os homens e mulheres; jovens e velhos; das regiões norte, centro e sul do país, para que de todos nasça uma nova cultura revolucionária moçambicana (MACHEL, 1978).

A materialização da unidade nacional entre os moçambicanos, nos centros escolares, nas atividades de produção e em outras áreas de concentração das massas populares era feita através de intercâmbios contínuos de professores, alunos e trabalhadores de regiões diferentes do vasto Moçambique. “É a união no trabalho que nos unimos realmente. Professores e alunos devem trabalhar lado a lado em todas as tarefas, porque em revolução, não há pequenas e grandes tarefas, há apenas tarefas revolucionárias” (MACHEL, 1978, p.15). Por conseguinte, a partir da miscelânea de convívio quotidiano perder-se-ia a ideia de regionalismo, tribalismo, rejeição de outras culturas e, ainda as massas populares adquiririam o sentimento e a consciência de serem todos moçambicanos. A união significaria aos moçambicanos conhecerem-se e, assim se compreenderiam melhor e em comum, iam construir inteligências que são o elemento indispensável para uma unidade nacional consolidada.

A outra prioridade incumbida à educação era a promoção do conhecimento social e do meio ambiente. Nesta prioridade, Machel em seu ideário educacional, o ensino formal devia dar primazia e privilégio aos alunos, de modo a adquirirem conhecimentos sobre a sociedade, o meio ambiente, a pátria e a terra que pertence

aos moçambicanos. Por isso, os conhecimentos científicos sobre a geografia, zoologia, botânica, história e mineralogia permitiriam que os alunos conhecessem melhor os recursos naturais e minerais em Moçambique.

O povo possui um grande conhecimento de recursos naturais, muito embora esse conhecimento seja empírico, [...] adulterado pela superstição. Na educação devemos orientar alunos e professores a acumularem conhecimentos empíricos das massas, a analisarem de uma maneira crítica e objetiva, de modo a desenvolver o nosso conhecimento e ciência em proveito da sociedade. (MACHEL, 1978, p.16).

Nesse contexto, nas escolas, os conteúdos eram adequados a diversidade situacional moçambicana, inserida no conhecimento e nas discussões sobre hábitos, costumes e culturas de cada região, a fim de melhorar e purificar criticamente as massas. Por último, a técnica e a luta contra o regime e implicância colonial em Moçambique foram apontadas como prioridades na educação. Esta prioridade instigava à educação a responsabilidade de fazer face às necessidades crescentes das massas e na guerra contra o colonialismo. Paralelamente às necessidades sociais e administrativas, que requerem a utilização de mais pessoas e de técnicas mais complexas. Assim sendo, a educação era responsável por aprimoramento e divulgação de conhecimentos, técnicas, manejo eficaz e discriminado do material de produção, prevenção e instrução social, assim como de guerra.

[...] é necessário difundir, entre militares e quadros um mínimo de conhecimentos científicos que lhe permitam aprofundar as técnicas militares. Diversificar a produção, melhorar as suas técnicas, utilizar a natureza para combater as suas calamidades, construir poços, canais de irrigação, represas, etc. exigem da nossa parte conhecimento que nem possuímos. Desejamos que os alunos possuíssem este conhecimento prático na escola. (MACHEL, 1978, p.17).

A partir deste excerto, percebemos que Samora Machel queria que a escola fosse um lugar de aprofundamento de conhecimentos, da técnica, da ciência, da prática de produção e da luta contra o regime colonial. Em ciências naturais o aluno devia aprender e praticar a fiação e tecelagem de algodão; com a aritmética e física, podiam ser combinado o estudo e a prática de represas e canais de irrigação; deviam

praticar a construção de roldanas movidas por água, animais, moinhos e ventos (MACHEL, 1978).

O projeto político e ideológico de Machel incumbiu à educação a missão da preparação do Homem Novo, desprovê-lo de individualismo, de crenças obscuras e dogmáticas, da ignorância no conhecimento da cultura, do ambiente, da terra e dos recursos minerais, tanto como naturais que Moçambique dispõe. A educação tinha a responsabilidade de responder em curto prazo as necessidades da produção, do desenvolvimento social e da luta contra o regime colonial português. Por isso, o ensino era responsável pela disseminação de conhecimentos para o desenvolvimento agrícola e artesanal. Para Machel, a combinação da educação com a produção significava, sobretudo, a profissionalização das massas populares, através da aquisição heroica e prática de conhecimentos a serem postos à disposição na produção, na administração dos serviços sociais, públicos e de combate.

## **LINHAS, MEIOS E ESTRATÉGIAS DA OPERACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO**

O presidente Machel sempre quis uma revolução paralela e contínua, isto é, uma educação conscientizadora das massas para produção, assim como para guerra contra o regime colonial. Diante da diversidade e do insucesso dos problemas que se enfrentava, houve necessidade de adoção de linhas, meios e estratégias adequadas ao contexto vivido. As estratégias adotadas, a sua eficácia dependia do apoio de princípios, de práticas e de forças existentes. A educação das massas populares constituía o primeiro elemento a ser definido. O povo era a referência para a definição dos interesses, objetivos e lutar pela realização dos seus anseios. Eram necessárias adequações dos serviços educativos ao povo e à revolução como força motriz do Homem Novo engajado no desenvolvimento da sociedade moçambicana (MACHEL, 1978). A partir desta linha, aplicar-se-ia uma estratégia que visava distinguir o fundamental do secundário, o imediato do longo termo, definir o que era do interesse e pertencesse ao povo e o que era do inimigo.

No campo da educação, o combate principal deve ser orientado contra o analfabetismo e o obscurantismo. Para termos sucessos devemos mobilizar e organizar as massas neste combate. Fazendo estas, assumir a necessidade de aprender, mostrando-lhes as consequências catastróficas da ignorância. Sem a participação ativa das massas no combate contra o analfabetismo, nada o permitirá liquidar, sem o conhecimento do mal introduzido pelo obscurantismo, nada os levará a lutar contra ele. (MACHEL, 1978, p.18).

Além das linhas estabelecidas, também havia uma prioridade por se definir na educação, com vista a consagrar mais esforços. Dentre tantos problemas no ensino podem-se destacar as dificuldades da decisão entre uma alfabetização para todos, criação de ensino secundário, o acesso ao ensino superior e a formação de professores primários. Como também, havia os dilemas, entre a conclusão do ensino primário pelos alunos e continuarem com os estudos, ou deviam dedicar-se a tarefa de alfabetizador. O outro problema era a definição da prioridade da alfabetização entre as crianças e a alfabetização do exército, que constituía a espinha dorsal da organização.

O aprender a guerra na guerra foi outra linha definida pela política de Machel na educação. Embora ciente do princípio de que na formação integral do aluno, é necessária uma educação continua, isto é, o aluno devia permanecer na escola até a obtenção do diploma do ensino superior, porém, em ambiente vivido no período em estudo, era fundamental garantir a base apenas, os demais conhecimentos adquiriram-se na prática. Exemplo disso, durante a guerra, um combatente adquiria um mínimo de instrução e era enviado para batalha para desenvolver os seus conhecimentos práticos e transmiti-los aos outros. No campo de batalha selecionavam-se os guerrilheiros que iam adquirir uma preparação superior no exterior, e em seguida regressam para elevar o nível geral dos outros (MACHEL, 1978).

Contudo, em 1973, em Moçambique vivia-se uma situação de analfabetismo massivo, tanto que se exigiu da educação proposta pela FRELIMO uma concepção e métodos que satisfizessem os objetivos imediatos e em longo prazo, pois, sem a resolução dos quais, não haveria futuro brilhante. Assim sendo, houve recuo nas decisões anteriores, havendo necessidade de dar prioridade ao ensino permanente e

progressivo. Todos os militares deviam ter uma formação permanente, aumentando o seu nível de conhecimento, técnico, cultural e político. Ao mesmo tempo, depois de estabelecidas as prioridades, alguns elementos seriam selecionados para cursos especiais e rápidos, para em seguida trabalharem em diversos setores.

Por fim, o projeto educacional de Machel definiu a necessidade de contar com as próprias forças. Nesta perspectiva, Samora Machel além de defender o socialismo/comunismo,<sup>8</sup> como meios da revolução que conduziriam a sociedade moçambicana à liberdade e ao amplo desenvolvimento das capacidades humanas a todos os seus membros (BERTUCCI, 2010). O projeto educacional de Machel promovia o nacionalismo em prol da formação de um Estado igualitário, sem classes sociais. Para realização do intento, Machel contava com colaboração das massas populares através das suas próprias forças, que aguardar a ajuda do exterior para resolver os problemas de Moçambique. A execução desta última linha foi possível mediante o envolvimento dos quadros nacionais e estrangeiros que sejam altamente especializados para concepção dos currículos, manuais e programas de ensino.

Pensamos que estes elementos deviam, sobretudo, consagrar-se na formação e na reciclagem dos quadros de ensino, à concepção e controle de programas, cursos por correspondências. Programas orientados para a elevação do nível geral, o que aparece como necessidade fundamental a nossa guerra. É em função desta orientação que cremos que seria um desperdício a utilização de professores estrangeiros, para a formação exclusiva de alunos do ensino secundários, que só dariam rendimento a longo termo, quando as próprias exigências da educação requerem quadros, com um mínimo de bases científicas, para alfabetizar as crianças, exército, trabalhadores das cooperativas e milícias. (MACHEL, 1978, p.21).

Assim, Machel promoveu o envolvimento de todos os moçambicanos com qualificações aceitáveis no desenho de currículos, de programas de ensino, material

---

<sup>8</sup> O comunismo neste texto deve ser entendido como uma ideologia e política social, que estabelecia e promovia os mesmos direitos e deveres as massas populares, mediante a abolição da propriedade privada. Embora se diga que a forma de atuação do comunismo e do socialismo seja diferente. Enquanto o socialismo prevê uma mudança gradual da sociedade e um afastamento do capitalismo, o comunismo pretendia uma diferenciação mais brusca e muitas vezes usando o conflito armado como método de atuação. Entendemos que o projeto de Samora Machel tinha como fundamento as duas ideologias (BERTUCCI, 2010).



didático, estratégias e meios para a atualização e elevação dos níveis dos demais profissionais, porque esperar apenas dos professores estrangeiros levaria mais tempo. A execução do projeto promovido por Machel era feita pela colaboração dos poucos quadros qualificados existentes, através da discussão permanente e frequente das ideias, dos conhecimentos reflexivos, críticos e práticos. A educação organizou cursos de correspondências que desenvolviam estudos intensivos de reciclagem dos conhecimentos. Os estudos permitiam as trocas de experiências dos profissionais por meio da realização de seminários regionais e provinciais para elevar o conhecimento dos professores e dos demais quadros de educação.

A educação não era apenas tarefa dos professores e nem se destinava apenas às crianças, mas todos deveriam se envolver nela, inclusive o próprio exército. “Apoiando-se nas massas, aprendendo a guerra na guerra, contando com as nossas próprias forças, saberemos ganhar a batalha na Educação” (MACHEL, 1978, p.21). A escola respondia às necessidades das massas, fornecendo o conhecimento que se adquiria através da descoberta da natureza e entendimento da sociedade, bem como, das leis que as regem. As escolas eram um embrião de mobilização de um ideal pedagógico, de uma nova sociedade, na medida em que nelas se moldaria a construção de uma sociedade sem exploração, de um poder popular permanentemente e articulado com a base social (DOMINGOS, 2015).

Mais tarde, entre 1974 e 1975 em pleno governo de transição e depois da independência de Moçambique do governo colonial português, o ensino era prioritário às crianças e aos adolescentes que viviam nas zonas libertadas. O ensino, nesse período, abrangia quatro níveis: o pré-primário, ministrado em centros infantis; o primário de quatro séries, ministrado em escolas do interior do país e no país vizinho, Tanzânia, o secundário também de quatro series ministrado na escola secundária de Bagamoyo na Tanzânia, país vizinho de Moçambique, e o ensino universitário que nunca funcionou durante o período em alusão, o que levou os alunos que atingissem o nível superior a serem enviados para exterior nos países do regime socialista que apoiavam a FRELIMO, como a antiga República Democrática Alemã, União dos países

Socialistas Soviéticos e Cuba. Na sequência, a alfabetização e educação de adultos foram dadas aos guerrilheiros que por sua vez ensinavam às populações. Inicialmente, o sistema educativo funcionou nos designados centros da FRELIMO, nas escolas centros-piloto, centro de preparação político militar, centros de saúde e representações da FRELIMO nos países vizinhos (SANTOS, 2006).

Os currículos de ensino e programação educativa, a produção agrícola e a educação física eram o cerne da política educativa, daí que as escolas deveriam desenvolver *machambas*<sup>9</sup> escolares, de modo que o aluno soubesse algumas técnicas agrícolas, tais como preparar o solo, a irrigação, conhecer regras e técnicas elementares de germinação, transplante e cuidados básicos das culturas. Desse modo, os trabalhos práticos, desenho, arte, cultura e política eram os mais importantes, e para tal, nas comunidades desenvolvia-se o ensino politécnico. A metodologia de ensino era de ajuda mútua, solidariedade e cooperação entre professores e alunos, cuja gestão era coletiva e centralmente democrática, despida do burocratismo (DOMINGOS 2017).

Nas zonas libertadas, isto é, nas regiões, comunidades e cidades moçambicanas sob controle da FRELIMO havia estruturas e organizações comunitárias que apoiavam as escolas. As estruturas eram chamadas de grupos dinamizadores (GDs), ou seja, organizações de base que reuniam populações que também se identificavam com os ideais revolucionários. Os GDs funcionavam como elementos de divulgação da linha ideológica da FRELIMO, de aprendizagem, do exercício do poder e da democracia popular, também, como membros de vigilância contra as manobras de sabotagem inimiga e de controle da economia (DOMINGOS, 2015).

A educação corrige, modifica, estimula e desenvolve o indivíduo, por isso ela deve ser encarada como uma obra de apuro, porque de fato, o que se procura obter

---

<sup>9</sup> Machambas são campos de cultivo de diversas culturas. É um vocábulo usado em língua portuguesa falada em Moçambique para designar campo de produção agrícola (CASEMIRO, 2001).

da obra educativa é o apuro do indivíduo (SANTOS, 2012). Por isso, no modelo educacional em debate, o professor era uma figura importante na tarefa de ministrar a criança e sobre as noções gerais do conhecimento ao povo. Para Machel, não era o livro que devia se atribuir o papel de ensinar, mas ao professor. Os professores e instrutores educacionais tinham uma dura missão e a responsabilidade de lutar contra o analfabetismo, a corrupção e o burocratismo. Tinham ainda que preparar os alunos para o novo horizonte, para serem continuadores, deveriam ser exemplares ao transmitirem as suas experiências. Igualmente, os professores deveriam elevar continuamente os seus conhecimentos teóricos e práticos para viver e transmitir as preocupações e objetivos políticos, militares, econômicos, sociais, administrativos e de reconstrução nacional do país depois da independência colonial (MACHEL, 1981).

Na avaliação escolar, o professor tinha que ter em conta que a criança era *uma flor que nunca murcha*, como afirmava Machel em inúmeras oportunidades de reuniões entre os moçambicanos. Portanto, a criança merecia um cuidado pedagógico especial e abnegado, isto é, deveria ser carinhosamente tratada e educada para desabrochá-la das suas capacidades. Assim, a avaliação educacional deveria se cingir em dois sentidos: na linha político-filosófica, sobretudo no papel humanitário e social do saber fazer e no conhecimento científico criativo. Desse modo, o significado de avaliação compreendia o processo de julgamento de uma determinada atividade planejada e que dela visava à tomada de decisões técnicas bem fundamentadas e necessárias, porque permitiria uma inovação no processo ou na maneira de trabalhar (SOBRINHO, 2003). As análises do cumprimento, da adequação e da eficácia dos programas políticos pedagógicos da escola eram realizadas em seminários mensais onde reuniam professores para a avaliação conjunta de aulas dadas no semestre anterior e realizavam a preparações de planos temáticos para o período seguinte. Os seminários, como no princípio, serviam de intercâmbio, de reciclagem para superar dificuldades científicas e pedagógico-didáticas e garantir a aplicação uniforme dos programas (SANTOS, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machel em seu projeto revolucionário pretendia uma educação para todos e devia envolver todas as massas populares. Portanto, a educação provia uma visão futurista, cuja prioridade era a satisfação de objetivos em curto prazo. Contudo, para a viabilização de toda estrutura educacional do projeto de Machel, houveram alguns impasses, por isso, a educação devia recorrer aos professores e quadros experientes nacionais, assim como de exterior aliados da FRELIMO. Diante desse enigma, a educação devia usar os poucos recursos que existiam, mediante o envolvimento de todos no desenho, na promoção e no controle do cumprimento dos programas de ensino. O ensino não devia ter um caráter discriminatório, elitista, nem devia ser promotor de divisionismo cultural ou regional, contudo serviria de um elemento instrutivo, formativo, conscientizador das massas populares na erradicação do dogmatismo, de machismo e de males entendidos sobre educação tradicional. Para Machel, a educação era um meio e instrumento para alfabetizar, produzir, combater e exercer com eficácia as tarefas impostas pelos desafios do progresso revolucionário e da unidade dos moçambicanos. Estrategicamente, se trata de uma educação horizontal e paralela ao aperfeiçoamento científico, politécnico, prático, cultural, político e ideológico das massas, dos combatentes e dos demais setores chave na revolução. Com este escopo e pretensões imperativas em plena luta armada de libertação nacional, os professores eram imputados o papel fulcral de catalisadores das inovações e viabilização das expectativas de uma nova sociedade utópica.

Em 2018, Moçambique fez a terceira ratificação do Sistema Nacional de Educação (SNE), com vista a adequá-lo aos modelos de ensino da região Austral da África. Na revisão do SNE, alargou-se a educação básica obrigatória e gratuita do sétimo ano do ensino primário até ao nono ano do ensino secundário, na modalidade do ensino primário foi introduzido o ensino bilingue, isto é, ensino em línguas moçambicanas locais e portuguesa, e foi promovida profissionalização do ensino secundário. Nos dias atuais, quarenta e cinco anos depois da independência do regime

colonial português, a educação em Moçambique registra muitos avanços, é o caso da expansão da rede escolar primária e gratuita em todas as regiões do país, ainda assim, o ensino precisa dispor de recursos, alternativas curriculares e profissionais para dar conta das realidades apresentadas pelas comunidades, sobretudo na diversidade social, cultural e regional. Há persistência das dificuldades do acesso ao ensino público pós-primário e superior, os pais e encarregados de educação pouco se identificam com os serviços prestados pelas escolas, daí a conseqüente evasão escolar. A título de exemplo, os dados do Censo 2017 indicam 38,6 % de população analfabeta, com maior índice de crianças fora da escola em Moçambique. A percentagem é um indicador preocupante, porém, as políticas educativas atuais aparentam apostar mais no capitalismo e neoliberalismo, enriquecendo cada vez mais os vanguardistas da luta armada de libertação nacional que se tornaram elites nacionais, que numa política comunista e socialista, pois sempre foram as melhores na óptica de Machel (MOÇAMBIQUE, 2019). O que se nota no acesso à educação formal, em particular no ensino superior, torna-se a reprodução acentuada e perpetuada das desigualdades sociais decorrentes do uso de princípios políticos e econômicos que excluem os moçambicanos em situação de vulnerabilidade. No ensino secundário, preciso abandonar os modelos de currículos importados, que representam uma colonialidade em suas diversas manifestações. No nosso entender, o currículo praticado nas escolas é diferente do real, visto que ignora a situação social, a cultura, o conhecimento, o *modus vivendi* local e não responde os anseios dos moçambicanos. Deve-se propor alternativas de modelos eficazes de educação e do acesso ao ensino, de modo que a sociedade moçambicana se sinta parte, onde os currículos reflitem as suas pretensão. Os currículos devem ser melhorados de modo que no fim de certo nível do ensino os jovens cidadãos moçambicanos tenham acesso aos empregos nos setores privados e públicos, como também para prover e impulsionar o sistema estatal, no qual se encontra o poder para o desenvolvimento político, cultural, social e humano.

Esperamos que este trabalho não seja ponto de chegada, mas uma oportunidade de mais estudos reflexivos e críticos sobre a educação em geral, tanto

nos contextos africanos, sobretudo o currículo, a formação e as práticas pedagógicas em Moçambique. Entendemos que esta história da educação moçambicana, além de ser cada vez mais história, que seja cada vez mais educação (NÓVOA, 1994). Esta parábola que nos inspiramos do texto de Nóvoa (1994), nos remete ao debate em torno deste tema que não se esgota neste corpus, apenas foi mais um dado que possa servir aos demais pesquisadores para aprofundar, dialogar, reconhecer, refletir e divulgar sobre a ideologia política de Samora Moisés Machel e de outros líderes comprometidos na educação africana e na luta contra o regime colonial.

Uma vez que “na leitura de documentos, pode suscitar várias interpretações e várias visões, fazendo assim, mudar o foco através de leituras diversas e compressões distintas” (PINSKY, 2011, p.12), a partir da leitura deste artigo, que se abram as oportunidades de mais discussões profícuas e estimulantes aos educadores, historiadores, acadêmicos e pesquisadores sobre as políticas educativas, de modo a contribuir nas diversas dimensões complexas das demandas educacionais na atualidade em Moçambique e em África em geral. Através da problematização do que é visto como natural, da mudança do que estiver obsoleto, da prescrição do valoroso, do apoio e da promoção dos projetos políticos pedagógicos e democráticos, que se transforme o ensino em ciência, arte, cultura e desenvolvimento humano engrandecedores de educação (BOTO, 2017b). Assim, melhor se aprofundariam os ideais de Machel e de outras individualidades que pautaram/pautam pela educação para o bem da realidade dos povos africanos e moçambicano em particular. Portanto, é preciso que as lideranças da educação moçambicana mobilizem recursos que levem à prática as leis que Moçambique dispõe, e tratá-las num contexto moçambicano que num cânone eurocentrista, fenômeno que implica uma colonialidade.

## REFERÊNCIAS

BERTUCCI, J. O. Desenvolvendo a solidariedade no caminho da transição: um ensaio sobre a teoria do socialismo a partir de Marx. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 173-200, abr. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ecos/v19n1/a07v19n1.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BOTO, C. R. **A liturgia escolar na Idade Moderna**. Campinas, SP: Papirus, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Instrução Pública e projeto Civilizador**: O século XVIII como interprete da ciência, da infância e da escola. São Paulo: Editora UNESP, 2017b.

CASIMIRO, I. M.. **Repensando as relações entre mulher e homem no tempo de samora**. Coimbra: Centro de estudos africanos, 2001. Disponível em: <<https://nigs.ufsc.br/files/2017/08/SAMORA-e-o-G%C3%A9nero-II-2001.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

DOMINGOS, A. B. A educação e as organizações democráticas em Moçambique: experiências da revolução popular. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 227-251, jan./jun. 2015. Disponível em: <<file:///Praxis%20Educativa/Artigo%20PB.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. O Marxismo de Samora na educação: um sonho desenvolvimentista de conceber políticas sociais interrompido? **ORG & DEMO**, Marília, v. 18, n. 2, p. 7-22, jul./dez., 2017. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/orgdemo/index>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KRONBAUERS, C. G; SIMIONATO, M. F. **Formação de professores**: abordagens contemporâneas. 3ª ed., São Paulo: Paulinas, (2011).

MACHEL, S. M. **Unidade condição da vitória. Partido FRELIMO**. Texto e documentos. Maputo: INLD, 1981.

\_\_\_\_\_. **Estudos e Orientações**: educar o Homem para vencer a guerra. Criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria. 2ª ed. Maputo: Centros de Estudos Africanos, 1978.

MARTINS V.; CHIRINDZA, D.; CUAMBA, H. **Manual de Psicopedagogia**: formação de professores do ensino primário e educação de adultos. Maputo: Associação Progresso. 2019. Disponível em: <<http://ead.mined.gov.mz/manuais/Psicopedagogia/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

MOÇAMBIQUE. **IV recenseamento geral da população e habitação 2017**: resultados definitivos - Moçambique. 4. ed., Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2019. Disponível em: <<http://www.ine.gov.mz/iv-censo-2017>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **A Luta pela Independência.** Portal do governo de Moçambique, 2020.

Disponível em:<

<https://www.portaldogoverno.gov.mz/index.php/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique/A-Luta-pela-Independencia>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

MINDOSO, A. V.. **Os Assimilados de Moçambique:** da situação colonial à experiência socialista. 2017. Tese (Doutor em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/46471>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

NÓVOA, A. **História da educação:** provas de agregação não publicada. Lisboa: FPCE. 1994.

PINHEIRO, I. R. Modelo geral da criatividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Brasília, vol. 25, n. 2, pp. 153-160, abr. - jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistatp/about>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. **O Historiador e suas Fontes.** São Paulo: Contexto. 2011.

QUIMUENHE, A. História da educação moçambicana no século XX: lei 4/83 e 6/92 do sistema nacional de educação. **RCE**, Goiás v.3, dez. 2018. Disponível em: <<https://seer.facmais.edu.br/rc/index.php/RCE/issue/view/5>> Acesso em: 12 jun 2019.

SANTOS, A. A. **Quase Memórias.** Lisboa: Casa de letras Editorial, 2006.

SANTOS, C. M. **Através do Brasil:** Uma trajetória centenária. São Cristóvão. SE: Editora UFS. 2012.

SOBRINHO, J. D. O sentido ético da avaliação. In: APPEL, Emmanuel (Org.). **A Universidade na encruzilhada.** Universidade: por que e como reformar? UNESCO/MEC: Brasília, 2003.

VELOSO, J. **Memórias em voo rosante.** Lisboa: Papa-letas, 2007.

Recebido novembro de 2020

Aprovado abril de 2021